

RELAÇÕES ENTRE FALA E GESTO: A REFERENCIAÇÃO MULTIMODAL

Patrik Aparecido VEZALI¹

RESUMO

Neste trabalho, apresentaremos os resultados de nossa pesquisa de doutorado sobre a relação entre fala e gesto, vinculado aos estudos sobre linguagem e cognição por uma perspectiva sociocognitiva. Partimos da observação da gestualidade em contextos de produção afásica em Língua Portuguesa. Os gestos seriam complementares e/ou compensatórios em casos em que a linguagem encontra-se alterada de alguma maneira? Para analisar essa questão, inscrevemos nossa reflexão com base em dados audiovisuais de interações entre afásicos e não afásicos. A referenciação dêitica foi tomada como foco de análise por se constituir, segundo nossas hipóteses iniciais, como o lugar de excelência em que a relação fala e gesto pode manifestar-se plenamente já que os elementos dêiticos precisam da situação de uso para sua significação; isso aciona todo um complexo jogo de mútua constitutividade entre diferentes semiologias. Estabelecemos nossas bases teóricas sobre as atividades de referenciação dêitica verbais e não verbais, analisando a questão da multimodalidade; bem como aprofundando nossa reflexão sobre o tema desta pesquisa ao analisar trabalhos basilares sobre a relação entre fala e gesto (Kendon, 2004; McNeill, 1992). Como revelaram nossos dados, a referenciação é dependente das condições de emprego e de uso da linguagem – os sentidos associados aos contextos de uso dos dêiticos. Os dados de interações face a face salientam a participação do verbal e do não verbal na construção da referência, seja pela postura no mundo, seja pelo recurso a elementos do contexto, seja pela gestualidade – meios que dão visibilidade às ações referenciais e interativas.

PALAVRAS-CHAVE: Referenciação (Linguística); Afasia; Gestos; Multimodalidade; Interação Social.

Questionamentos iniciais

Neste artigo apresentaremos um breve resumo do que desenvolvemos em nossa Tese de Doutorado.² Nosso objetivo principal era traçar uma reflexão de base

¹ UFVJM – Faculdade Interdisciplinar em Humanidades – Licenciatura em Letras Português/Inglês e Bacharelado em Humanidades (BHu). Correspondências: Rua Alda Andrade Almeida, 165, Condomínio Residencial Diamante – Presidente – 39100-000 Diamantina – MG – Brasil. pvezali@yahoo.com.br

linguístico-interacional sobre o corpo em contextos de afasia.³ Nosso enfoque e interesse recaiam em uma reflexão sobre o corpo diante da linguagem, na presença da linguagem, como uma semiose associada de maneira direta ou indireta à linguagem e à enunciação linguística.

Assim, nosso pressuposto de pesquisa dizia respeito ao tratamento que a gestualidade tem recebido na literatura sobre a afasiologia: geralmente e/ou indiretamente, o gesto é entendido como compensatório ou complementar em casos em que a linguagem encontra-se alterada de alguma maneira. A partir dessa premissa, analisamos a relação fala e gesto em interações entre pessoas afásicas e não afásicas.

A Linguística e áreas afins, nas últimas décadas, têm abordado mais estreitamente essa relação. Diferentes pesquisadores tratam dessa questão de maneiras diversas, propondo conceitos como “sincronia”, “coocorrência”, “complementariedade”, “gesto como facilitador do acesso lexical”, etc. Mesmo que essas abordagens sejam distintas até em relação à postura teórico-metodológica, elas assinalam uma codependência entre as várias semiologias que compõem nossas compreensões e expressões na interação face a face.

Tendo isso em vista, nosso objetivo desdobrou-se na teorização sobre a relação entre fala e gesto no contexto das afasias. Para tanto, retomamos o fenômeno da referenciação dêitica como foco de análise por ele se constituir, segundo nossas hipóteses iniciais, como o lugar de excelência em que essa relação pode manifestar-se plenamente, já que os elementos dêiticos precisam da situação de uso para sua significação. Isso aciona todo um complexo jogo de relações intersemióticas. Estudar os dêiticos em contextos de instabilidade, postos por quadros de afasia, torna-se oportuno na medida em que pode trazer à tona processos e configurações relacionais que estariam “escondidos” ou “amalgamados” em contextos de produção linguística não afásica.

A referenciação dêitica é capaz de unir três realidades expressivas fundamentais para as argumentações, análises e resultados ensejados com este trabalho: fala, gesto e

2 Nota do autor: este artigo constitui-se em recorte de minha tese de doutorado e visa divulgação dos achados teóricos. Disponível em: http://www.iel.unicamp.br/projetos/cogites/pdf/td_vezali01.pdf

3 Podemos definir a afasia como: “(...) uma perturbação da linguagem em que há alteração de mecanismos linguísticos em todos os níveis, tanto do seu aspecto produtivo (relacionado com a produção da fala), quanto interpretativo (relacionado com a compreensão e com o reconhecimento de sentidos), causada por lesão estrutural adquirida no Sistema Nervoso Central, em virtude de acidentes vasculares cerebrais (AVCs), traumatismos crânio-encefálicos (TCEs) ou tumores. A afasia pode e geralmente é acompanhada de alterações de outros processos cognitivos e sinais neurológicos, como a hemiplegia (paralisia de um dos lados do corpo), a apraxia (distúrbio de gestualidade), a agnosia (distúrbio do reconhecimento), a anosognosia (falta de consciência do problema por parte do sujeito cérebro-lesado), etc.” (Morato, 2001:154).

corpo. Pensando em nossa desconfiança inicial de sistemas em que a relação fala e gesto é positiva, constituída por dois sistemas distintos, quase como uma dualidade, vários movimentos teóricos serão requisitados por mostrarem as relações conceituais sobre essas três realidades da expressão humana.

As expressões dêiticas verbais e não verbais, portanto, são fundamentais para dar relevo a essa relação, mostrando que a gestualidade não é simplesmente “compensação” para alguma lacuna do material linguístico, ou apenas um sistema acessório e/ou suplementar. Goodwin (1995; 2003), por exemplo, argumenta que a gestualidade em casos de afasia não é simplesmente complementar. Destaca, dentre outras coisas, o caráter referencial constituído na relação língua e gesto.

Expressões dêiticas, contudo, não são constituídas por uma classe fechada de palavras e/ou expressões. Geralmente, elas são classificadas de acordo com seu funcionamento no estabelecimento das coordenadas interacionais, discursivas e enunciativas. Segundo Cavalcante (2003:106):

Constituem expressões referenciais todas as formas de designação de referentes, as quais se diferenciam pelo modo como indicam ao ‘coenunciador’ (...) como o enunciador pretende que ele identifique e interprete o referente. Nessa atividade essencialmente cooperativa (...), os ‘coenunciadores’ dispõem de diversas pistas, em parte convencionadas na própria língua, para reconhecer os diferentes espaços e ‘campos dêiticos’ (...) em que se situam os objetos para os quais construirão uma representação mental de referentes.

Assim, “(...) nem toda expressão referencial é anafórica ou dêitica, e essa verdade, sozinha, já cinde os elementos referenciais em dois grandes blocos: (i) os que introduzem novos referentes no ‘universo do discurso’ (...); e (ii) os que realizam a continuidade referencial de objetos (...)” (Cavalcante, 2003:106). Dessa maneira, os elementos que realizam introduções referenciais puras, sem continuidade referencial, são classificados como expressões dêiticas. Segundo a referida autora, eles são agrupados em quatro tipos:

- a) dêiticos pessoais (apontam para os próprios interlocutores na situação de comunicação) (...);
- b) dêiticos temporais (pressupõem o tempo em que se dá o ato comunicativo ou o tempo em que a mensagem é enviada) (...);
- c) dêiticos espaciais (remetem ao lugar em que se acha o enunciador, ou pressupõem esse local) (...);
- d) dêiticos memoriais (indicam que o referente tem acesso fácil na memória comum dos interlocutores e incentivam o

destinatário a buscar ali a informação de que ele precisa). (Cavalcante, 2003:107).

Por definição, os dêiticos estabelecem a ligação entre a linguagem e outros processos corporais, cognitivos e interacionais. Dessa forma, o estudo da dêixis em interações entre pessoas afásicas e não afásicas constituiu-se como a base empírica para a realização desta pesquisa.

Dentro do panorama aqui brevemente descrito, nosso objetivo foi mostrar como é possível um estudo do corpo no contexto das significações constituídas na interação, não como produto, mas sim como processo. Para tanto, utilizamos dados audiovisuais de interações entre afásicos e não afásicos para uma análise empírica. Obtivemos esses dados no decorrer das atividades desenvolvidas no Centro de Convivência de Afásicos (CCA) do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no âmbito das reuniões semanais de um dos grupos (coordenação da Prof.^a Dr.^a Edwiges Morato) que atuam no referido Centro.

O desenvolvimento do projeto consiste em constituir um *corpus* de dados audiovisuais de interações entre pessoas afásicas e não afásicas; analisá-lo qualitativamente na seleção de transcrições conversacionais; propor conceito teórico que abarque o fenômeno de mútua constitutividade entre fala e gesto, tido como pressuposto desta pesquisa.

Selecionamos as gravações feitas durante o ano de 2004, realizadas com apenas uma câmera que utilizava a antiga gravação VHS. Digitalizamos essas gravações, as quais constituem parte do banco de dados do Grupo COGITES (Cognição, Interação e Significação, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Edwiges Mortato),⁴ denominado *AphasiAcervus*.

4 “Liderado pela pesquisadora Edwiges Morato, o Grupo de Pesquisa COGITES é consagrado a análises de práticas linguístico-interacionais, em especial as que envolvem sujeitos que apresentam afasia e neurodegenerescência, com foco em determinados processos enunciativos (como atividades referenciais e operações 'meta': metalinguísticas, meta-enunciativas, metadiscursivas, epilinguísticas, etc.) e em processos conversacionais (tais como gestão do tópico discursivo, semioses coocorrentes, dinâmica de turno, atividades de correção, relação oral/escrito, estruturação da interação conversacional, etc.). No campo dos estudos psico e neurolinguísticos, os integrantes do Grupo de Pesquisa também se dedicam à análise crítica da semiologia da linguagem patológica (anomia, automatismo, perseveração, parafasia, etc.) e de questões linguísticas e sócio-cognitivas relacionadas à Doença de Alzheimer. Mais recentemente, o Grupo também se dedica à constituição e tratamento teórico-metodológico de seu acervo de dados, derivado tanto de protocolos de estudos finalisticamente orientados (como os relativos à pesquisa sobre metaforicidade e sobre atividades e processos referenciais), quanto de contextos interacionais ordinários ou naturais variados. A fundamentação teórica na qual se ancoram os estudos do Grupo de Pesquisa pauta-se sobre uma perspectiva interacionista de filiação vygotskyana. Chamada também em linhas gerais de sócio-cognitiva, essa perspectiva incorpora aspectos socioculturais e linguístico-interacionais à compreensão da problemática cognitiva, investindo no domínio empírico com base na hipótese de que nossos processos cognitivos (como memória, atenção, linguagem, percepção,

Antes de iniciarmos a primeira parte deste estudo, é importante ressaltar que nosso interesse em tratar das relações entre linguagem e corpo remonta ao nosso trabalho de mestrado, realizado na UNESP⁵ e que tratava dessas relações. Analisamos o trabalho do filósofo francês contemporâneo Maurice Merleau-Ponty. Ao final dessa pesquisa anterior, percebemos a possibilidade de realizar uma análise empírica do fenômeno em destaque, bem como de sua expansão teórica.

Tendo esse trabalho como premissa também, podemos entender o corpo humano por meio de sua expressividade sócio-cognitivamente constituída (Tomasello, 2008). Assim, para subsidiar nossa reflexão, focalizaremos a relação fala-gesto, bem como a linguagem perante outros processos cognitivos.

Buscamos chamar a atenção para a análise e a compreensão dos casos de alteração da produção e da significação nas afasias, na reflexão e compreensão da corporeidade, e os impactos advindos de alterações na expressividade corporal do afásico, como a exclusão social causada por preconceitos de várias ordens em relação à afasia e ao corpo do afásico, em função de apraxias gestuais ou hemiparesias que não raramente acompanham o *déficit* afásico.

Tratamos, pois, de algumas relações entre linguagem, corpo e afasia. Isso nos leva a afirmar que a noção de corpo assumida aqui vai além da consideração apenas da expressão corporal ou da fala, ou ainda da mera presença semiótica do corpo nas interações e produções de sentido. Não podemos entender o corpo apenas como objeto ou como uma espécie de símbolo. As disposições corporais, nesse sentido, são estabelecidas numa complexa rede de relações do *continuum* formado por corpo, cognição, pensamento, linguagem e interação.

Hipóteses de pesquisa

Nosso problema principal incidia sobre a falsa compreensão de que a gestualidade, emergente em contextos de instabilidade linguística impostas por quadros diversos de afasia, seria meramente complementar e/ou compensatória, e não

etc.), situados local e historicamente, se constituem em sociedade e no decurso das interações e práticas discursivas.” (Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPQ: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=00798014981QOS>).

⁵ O Mestrado, financiado pela CAPES, foi realizado no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da FFC – UNESP – Marília, sob orientação do Prof. Dr. Jonas Gonçalves Coelho, Departamento de Ciências Humanas – FAAC – UNESP – Bauru, e coorientação da Prof.^a Dr.^a Edwiges Maria Morato, do Departamento de Linguística – IEL – UNICAMP. Defesa pública realizada em 05/12/2005, tendo como banca: Prof. Dr. Jonas Gonçalves Coelho; Prof.^a Dr.^a Helena Franco Martins – Departamento de Letras da PUC – Rio; Prof.^a Dr.^a Mariana Claudia Broens – Departamento de Filosofia da FFC – UNESP – Marília.

constitutiva dos processos de significação. Tendo isso em vista, nosso intuito geral não foi discutir a importância de outros sistemas semiológicos, ainda mais em casos em que a semiologia restritamente linguística não dá conta sozinha da expressão/significação, mas sim analisar mais de perto quais são as relações estabelecidas entre fala e gesto sem os preconceitos e reducionismos ao linguístico que perduraram ao longo do século passado em decorrência, dentre outras coisas, do positivismo lógico, logocêntrico e idealista.

Explicações sobre a complexidade do corpo inserido no mundo, a intersubjetividade emergente nas interações, a constatação de que a categorização e a interpretação do mundo – “construção de objetos de discurso” (Marcuschi, 2007; Mondada e Dubois, 2003) – admitem que a língua encontra-se, de algum modo, enraizada no corpo como prática sócio-cognitiva. As teorias da percepção e das relações entre o sensorio e o motor estão sempre indicando a relevância do corpo nos processos de significação e de comunicação.

Em relação às afasias, também somos encaminhados a questionar o fenômeno em que lesões cerebrais acabam causando “lesões sociais” de falta de entendimento por parte do “outro” dos quadros afásicos, isolamento social e familiar, preconceitos em relação ao pensamento atribuído a esses sujeitos, problemas na atribuição de sentido na expressão afásica e exclusão social.

Também podemos encontrar casos em que a gestualidade está comprometida e não atentamos para um quadro de hemiplegia: o sujeito sendo destro e a paralisção ocorrendo do lado direito, mesmo que essa seja uma alteração não linguística, ela influenciará significativamente na expressividade do corpo como um todo, incluindo a linguagem oral e escrita. Nos estudos clínicos da afasia, geralmente a gestualidade é confundida com disfunções na motricidade, tais como hemiplegias, paresias, paralisias e apraxias.⁶ Esses movimentos corpóreos são considerados como gestualidade, o que acaba englobando todo e qualquer tipo de movimento articulado, mesmo que ele não seja dotado de conteúdo semântico.

O gesto também é realizado por meio de um movimento do corpo, especialmente da cabeça e dos braços. Entretanto, ele se constitui enquanto semiologia devido a

⁶ A afasia geralmente é acompanhada de casos de hemiplegia – paralisção dos membros de um dos lados do corpo. O termo paresia é empregado em casos em que o movimento está apenas limitado ou fraco; a mobilidade apresenta apenas um padrão abaixo do normal no que se refere à força muscular, precisão e amplitude do movimento e a resistência muscular localizada. Paralisia é a perda da capacidade de contração muscular voluntária. Os movimentos são impossíveis nessa condição. Apraxia é a alteração na capacidade de realizar tarefas que requerem padrões ou sequências de movimento.

inúmeros fatores, como, por exemplo, articular-se em formas fixas vinculadas a um sentido, exprimir ideias, apresentar estruturação gramatical em línguas de sinais, realizar descrições pantomímicas, etc.

Na interação face a face, as pessoas mexem o corpo continuamente. Muitos desses movimentos são práxicos, tais como pegar uma caneta ou um caderno, tomar notas, passar um objeto solicitado para seu interlocutor, etc. Outros comportamentos não verbais são observados, como as posturas corporais, expressões faciais, movimentos nervosos de membros, etc. Mesmo que essas ações não sejam consideradas gestos comunicativos, elas interferem significativamente na interação.

Kendon (2004:8) argumenta que o termo gesto não é usado para classificar as expressões corporais que tornam visíveis pensamentos ou sentimentos (ações involuntárias), mas sim para definir os movimentos que comunicam. Gesticular, portanto, é uma ação diretamente relacionada à fala que pode manifestar as características de expressividade intencional. Isso inclui muitos movimentos corporais, como apontar um objeto com o dedo indicador, mexer a cabeça de um lado para outro para expressar negação, etc.

É interessante notar que, mesmo existindo comprometimento de recursos linguístico-cognitivos nos indivíduos afásicos em razão de disfunções ou alterações neurológicas, eles não deixam de produzir gestos e movimentos expressivos e interpretativos. Mesmo assim, poderemos observar que os sujeitos têm muita dificuldade na execução de movimentos práxicos e na gesticulação, em casos de apraxia grave.

Quando analisamos o corpo inserido no mundo, podemos observar, de forma interessante, a organização de várias estruturas e processos cognitivos, como a percepção espaço-temporal (importante para percepção do contexto, dos enquadres interacionais e da presença do próprio interlocutor nas práticas enunciativo-discursivas); como a praxia (observável pelo investimento de sentido no olhar, na expressão facial, na postura corporal, nos gestos); como a observação e o reconhecimento de significações verbais e não verbais implícitas, essenciais para a gestão de regras e padrões comportamentais, socioculturalmente constituídos (Morato, 1997).

Pela observação da relação entre fala e gesto na interação entre afásicos e não afásicos podemos constatar que “no corpo” os vários e diferentes sistemas semióticos e cognitivos atuam de maneira mutuamente constitutiva e/ou complementar para a expressão e a significação. Essa interação intersemiótica também se observa no contexto

de processos decorrentes de algum comprometimento cerebral, como a apraxia e a hemiplegia, geralmente consideradas alterações puramente motoras e/ou sensório-motoras. Essas alterações, funcionalmente relacionadas a variações na gestualidade e/ou nos movimentos musculares, também interferem na expressão e compreensão linguísticas, o que nos remete novamente à ideia de mútua constitutividade entre vários fenômenos para a constituição de nosso corpo.

Por consequência disso, pressupomos que o corpo não é isolado em sua positividade como um objeto no mundo, isolado dos homens e suas circunstâncias socioculturais. Também podemos dizer que a percepção do próprio corpo é construída na relação dos indivíduos entre si e com o mundo social para além da percepção “interna” do corpo.

Focando nosso interesse em uma perspectiva sócio-cognitiva da linguagem, estamos mais atentos aqui aos contextos de produção de fala e podemos observar uma estreita relação do corpo e do gesto articulatório (a fala), uma continuidade sensório-motora no ato verbal e na produção discursiva, envolvendo vários sistemas semiológicos e/ou cognitivos para a expressão e a significação.

Os gestos corporais e as expressões faciais, além da riqueza prosódica, participam dos processos de referenciação das pessoas afásicas e não afásicas, indicando um percurso referencial mutuamente constituído pelo verbal e pelo não verbal. Sobre outro aspecto, é interessante ressaltar que os afásicos, mesmo quando apresentam uma produção verbal bastante comprometida, não deixam de se expressar mesmo que por meio da gestualidade, mostrando que não existe um corte operado entre o corporal e o linguístico no plano ontológico.

Portanto, para os objetivos desta pesquisa, nossas hipóteses de trabalho foram as seguintes: i - não existe positividade na relação entre fala e gesto; ii - a indicialidade se constitui na própria interação em movimentos corporais, intersubjetivos e situados; iii - não é possível provar, fora do domínio empírico, que o gesto contribui no acesso lexical e vice-versa; iv - nas afasias, a gestualidade não é complementar nem compensatória; os mesmos mecanismos de produção conjugada entre fala e gestos são observados em ambos os contextos (afásicos e não afásicos); v - mesmo que os elementos indiciais (verbais e não verbais) sejam formados por esquemas singulares, ativados na linguagem por meio do conhecimento prévio e partilhado entre os

interlocutores, eles possibilitam vários arranjos semânticos;⁷ vi - a transcrição dos dados verbais e não verbais depende de nossa postura teórica para que possamos dar visibilidade à ocorrência dos fenômenos e seus sentidos.

Sobre o sistema de transcrição gestual

Traçaremos algumas considerações sobre a análise de dados audiovisuais de interações entre afásicos e não afásicos, observando os processos referenciais dêiticos. Em nossa hipótese, existiria uma estreita relação de mútua constitutividade entre fala e gesto na atividade referencial. Para investigarmos essa hipótese, tivemos que adequar nosso sistema de transcrição para que pudéssemos visualizar as ocorrências conjugadas de dêiticos verbais e não verbais e também qualificá-las.

Consideramos como base empírica desta pesquisa um *corpus* já constituído, digitalizado e transcrito linguisticamente de acordo com convenção de notação definida pelo grupo no decorrer do projeto Fapesp (03/02604-9), utilizando basicamente os dados obtidos em 2004 no âmbito do CCA.

Ao final do primeiro ano da pesquisa, tínhamos clara nossa hipótese por meio da observação e análise de dados, mas ainda não havíamos definido um sistema de transcrição adequado teórico-metodologicamente à nossa proposta inicial e com o fenômeno de conjugação indicial que observávamos nas interações analisadas.

A primeira ideia foi marcar as ocorrências como sobreposição de turnos porque essa era a melhor possibilidade encontrada no sistema de transcrição inicial. Isso era necessário para mostrarmos o exato momento de ocorrência das conjugações” entre elementos verbais e não verbais.

7 A propósito de seu estudo sobre a língua iucateque, Hanks (2008, p. 268) mostra que “os objetos também são referidos de forma típica, e isso também faz parte do horizonte do conhecimento prévio. Isso fica bastante evidente pelos termos como eles são *descritos*, mas também se aplica ao modo como eles são *construídos* por meio dos dêiticos. O simples *leti'* é tão comum na referência às esposas que um estranho que escutasse não intencionalmente uma conversa em que o termo fosse usado poderia adivinhar que, salvo contra-argumentos, o referente era a esposa do falante. Da mesma forma, um *té'elo'*, ‘lá’, simples, passa a ser associado aos lugares de praxe das pessoas, assim como *lelo'* é o dêitico padrão para referências a características do ambiente mutuamente conhecidas. Essas associações são parte não da semântica das formas, mas das práticas nas quais as formas são empregadas. O resultado da combinação destes dois aspectos do horizonte interno é a simplificação da tarefa de referir, pelo fato de tornar os objetos já disponíveis antes mesmo de eles serem selecionados. Evidentemente, o lado ruim desta simplificação é que ela torna mais difícil o controle da referência. A questão, então, não é como os interactantes fazem para limitar a cadeia de referência a um único indivíduo.”

Nesse processo de elaboração de recursos de transcrição, para que pudéssemos dar visibilidade ao fenômeno que observamos nos dados, encontramos o trabalho de Kendon (2004), internacionalmente conhecido por sua pesquisa sobre os gestos e as condutas comunicativas.

No trabalho em questão, o autor propõe notações de transcrição tanto para o processo gestual (sintaxe), quanto para a qualificação da ocorrência. Sobre esse modelo de transcrição e o do próprio grupo de pesquisa que desenvolve este projeto é que elaboramos notações que representam tanto aspectos verbais, quanto não verbais (algumas marcações prosódicas e gestuais). Devido a esse fator, lançamos mão da pesquisa e adaptação de modelos de transcrição gestual. O trabalho de Kendon (2004) foi importante no processo porque possibilitou-nos a transcrição da progressão gestual, bem como a qualificação dos gestos observados.

Em nosso *corpus*, existe a ocorrência de grande quantidade de conjugações indiciais, isto é, o dêitico verbal aparece sempre conjugado a um gesto. Essa diferenciação nos fornece, além do auxílio na transcrição do material gestual, subsídios empíricos para uma análise qualitativa da relação entre as várias semioses que constituem a significação. Analisamos, também, as ocorrências de gestos com ausência de fala e as ocorrências de verbalizações sem gestualidades conjugadas.

Inspirados pelo trabalho de Kendon (2004), elaboramos um sistema de notação de transcrição que considera a sequencialidade gestual formada por fases e frases, bem como sua sincronia com a elocução verbal, sua morfologia (*hand shaps*, por exemplo) e sua semântica. As frases gestuais são transcritas logo abaixo da elocução verbal, após as iniciais do nome do interactantes em caixa baixa. As elocuições verbais são colocadas antes porque a sincronia é estabelecida tendo-as como base temporal. Após a transcrição dos gestos, marcamos, entre parênteses, a configuração gestual expressa.

Quando necessário, marcamos gestos não dêiticos ou movimentos também; para tanto, sinalizamos a frase gestual realizada e marcamos ao final a tipologia gestual, usando as abreviações “MP” para movimento práxico, “GM” para gesto metafórico, “GI” para gesto icônico e “GR” para gesto ritmado. Também marcamos o alvo referencial usando a sigla “AR”.

Os gestos dêiticos e outros movimentos não gestuais, como o direcionamento do olhar, são marcados utilizando o sistema trazido abaixo:

Quadro 1: sistema de transcrição gestual.

Frases gestuais	Partes do corpo: braço/mão	Partes do corpo	Direcionalidade
Preparação (P): ~~~~~	Mão direita: md	Cabeça: ca	Para esquerda: ←
Preparação e gesto não são distinguíveis facilmente: ~*~*~*~	Mão esquerda: me	Ombro: om	Para direita: →
Gesto (G) (“stroke”): ***** Gestos sustentados: *****	Mão aberta para cima: abc	Boca: bo	Para frente: ↓
	Mão aberta para baixo: abb	Olho/olhos/olhar: ol	Para baixo: ↓
	Mão aberta para o outro: abf	Olho direito: old	Para cima: ↑
	Mão aberta para si: abt	Olho esquerdo: ole	Para si mesmo: ∩
	Mão fechada para cima: fec		Afirmção: +
	Mão fechada para baixo: feb		Negação: -
Gesto recuperado: -.-.-	Mão fechada para outro: feo		
Fases da ação gestual são separadas por : ***** *****	Mão fechada para si: fes		
	Polegar: pol		
	Indicador: ind		
	Médio: med		
	Anular: anu		
	Míndinho: min		

Observação: Direcionalidade e tipologia gestual (*hand shapes*) são marcadas entre parênteses () ao final da linha.

O movimento metodológico de adaptação de notações de transcrição levou-nos à constatação de que com poucas marcações é possível dar visibilidade à ocorrência gestual. Em nosso caso, focalizamos os gestos de cabeça e mão, seguindo a proposta de Kendom (2004). Isso nos auxiliou na própria observação do dado audiovisual, já que nosso *corpus* é composto por interações coletivas, em torno de oito participantes ou mais, e gravada apenas com uma câmera, o que dificulta a visualização de várias ocorrências, principalmente o direcionamento do olhar e certos movimentos corporais.

O *corpus* foi formado por dados audiovisuais de situações interativas desenvolvidas no âmbito do Centro de Convivência de Afásicos (CCA) do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) – UNICAMP, “um espaço de interação entre pessoas afásicas e não afásicas” (Morato et al., 2002).

Os dados referem-se a gravações dos 32 encontros do grupo do CCA focalizado, ocorridos semanalmente com três horas de duração, realizados no decorrer do ano de 2004 (em torno de 96 horas de gravações), os dados foram selecionados do *corpus* descrito acima. Desse conjunto de dados, que constituiu nosso *corpus*, selecionamos alguns para transcrever e analisar de maneira qualitativa o fenômeno em foco nesta Tese.

As atividades do grupo de interação entre afásicos e não afásicos, coordenado por Edwiges Morato, são divididas em alguns programas específicos, como o Programa

de Linguagem – que procura explorar aspectos que constituem a linguagem em funcionamento e suas diferentes configurações – e o Programa de Teatro – que procura possibilitar a reorganização expressiva da corporeidade do sujeito cérebro-lesado e refletir sobre as atividades cotidianas. A pausa para o Café – momento sem regras definidas, reunião para um “bate-papo” informal – constitui-se como um momento em que, devido a sua própria constituição, acontecem interações interessantes para a discussão da afasia do ponto de vista da Linguística (Morato et al., 2002).

Devido a esses encontros estarem registrados em audiovisual na íntegra, possuímos um rico material de interações ordinárias espontâneas. Tendo, então, por base o acervo de dados *AphasiAcervus* (cf. Morato et al., 2006) já constituído no interior de atividades e projetos realizados pelo grupo COGITES, procedemos a uma análise qualitativa de nossos dados.

Um exemplo de dado analisado na tese

Observamos, no dado a seguir, que para além das conjugações de constitutividade em que fala e gesto apresentam sentidos idênticos, a construção da referência dependerá do quadro de atenção conjunta e do direcionamento do olhar:

(4)

AphasiAcervus: 2004

Participantes afásicos: EF, MG, MN, MS, NS, SI, SP.

Participantes não afásicos: JC, ET.

Contexto: *os participantes estão conversando, sentados em volta da mesa, na pausa para o café, comendo e bebendo. ET pega uma xícara de café e senta-se a uma das pontas da mesa, de costas para a câmera. NS e MG estão sentadas à esquerda de ET. # ARa = alvo referencial açúcar; ARb = alvo referencial adoçante; ARc = alvo referencial sachê de açúcar; ARd = alvo referencial xícara; MP* = coloca a mão esquerda no açúcar:*

01 NS tem açúcar/

02 ns ~***** (ol↓ET)

03 ET por favor uma colherinha

04 et ~***** (indmd↓ARa)

05 NS qué açúcar/

06 ns ***** (ol↓ET)

a intenção de MG, que era que NS tomasse café com adoçante. Por fim, NS agradece a MG, dirigindo-se verbalmente e com direcionamento de olhar para ambas, ET e MG.

A produção não verbal é composta basicamente por *pointings*, formados por direcionamentos de olhar (linhas 2, 6, 12, 15, 19, 21, 27 e 30) e *hand shapes* (linhas 4, 8, 9, 11, 14, 15 e 19). Além de conjugações indiciais, podemos observar a ocorrência de gesto icônico na linha 17, além de vários movimentos práxicos; no entanto, esse gesto forma uma conjugação indicial de complemento com o dêitico verbal “aqui” na linha 16; essa conjugação estabelece sujeito e predicado, além de restringir a indicação do AR, já que o gesto icônico ilustra o movimento práxico de pegar um frasco com a mão e despejar o conteúdo dele na xícara. Assim, podemos constatar que a relação dos movimentos não gestuais com a espacialidade e objetos disponíveis sobre a mesa posta para o café também influencia na referenciação dêitica em foco neste dado.

No dado é possível observar que a maioria das conjugações indiciais empregadas é de mútua constitutividade, ou seja, apresenta o mesmo sentido na fala e no gesto (demonstrativos e *pointings*). Mesmo que a sincronia estabelecida aponte para referências concretas no mundo, as conjugações não são suficientes para significar o que fora pretendido. Isso acontece em decorrência de que a referenciação dêitica também é influenciada pelo quadro de atenção conjunta.

A densidade modal (cf. Norris, 2006) estabelecida pelos interactantes no dado é diferente, e isso ocasiona os acionamentos de referenciais diferentes dos pretendidos por seus enunciadores. Isso é verificado, por exemplo, quando ET toma “tem” com “quer” por estar focada, principalmente, no modo verbal.

Ao analisarmos os corpos inseridos no espaço, percebemos que a fala em interação é, também, praxeológica, o que ressalta a importância da espacialidade para a referenciação dêitica. Os recursos multimodais requisitados na interação salientam que se encontram estreitadas as relações entre fala e gesto. Podemos observar no dado que a conjugação indicial em sua totalidade constitui-se como uma elocução.

À maneira de apresentar o mundo, por meio de uma linguagem ativada por signos não verbais, permanece um aspecto importante da interação e, por esse fator, os recursos multimodais devem ser considerados como nível significante nesta análise, já que eles são utilizados nos processos referenciais.

Apontamentos teórico-metodológicos

Os achados teórico-metodológicos da pesquisa realizada em nosso doutoramento, sustentam os pressupostos da perspectiva sócio-cognitiva, tais como a tese da “mente corporificada” (Varela, Thompson e Rosch, 1991; Koch e Cunha-Lima, 2004; Salomão, 1999), a concepção de cognição social (Tomasello, 1999, 2008; Koch e Cunha-Lima, 2004; Marcuschi, 2001, 2007), a concepção de “competência como prática” (Morato et al., 2008), a tese da “dimensão multimodal” da referenciação e da interação (Goodwin, 1995, 2003; Marcuschi, 2001, 2007; Morato et al., 2009; Norris, 2006), e a tese da conjugação indicial construída nesta Tese com base nos trabalhos de Kendon (2004) e McNeill (1992, 2000).

Os dados de sujeitos afásicos são ricos para a análise linguística e multimodal em função da inter-relação que podemos observar entre processos que se encontram nessa síndrome potencialmente alterados, linguagem e gesto. Tendo-se mecanismos metodológicos de inclusão do material gestual na análise da interação, podemos considerar qualitativamente os recursos não verbais convocados na referenciação e, por conseguinte, delimitar os possíveis contornos corporais da linguagem e da cognição.

Em relação à primeira questão norteadora dessa pesquisa, ou seja, dados extraídos de interações entre afásicos e não afásicos, por significarem uma continuidade em relação ao que ocorre no contexto não patológico e não uma ruptura, têm reforçado a ideia de não dicotomia entre recursos multimodais e espacialidade entre fala e gesto.

O que nos chamou a atenção nos dados dessa pesquisa foram três aspectos discursivamente interligados, e nos quais atuam de forma solidária, ainda que com distintas densidades modais (Norris, 2006), fala e gesto: a progressão pragmático-enunciativa da interação desenvolvida pelos sujeitos, as ações reflexivas dos sujeitos sobre a produção de sentidos própria e alheia e as relações intersubjetivas convocadas no desenrolar da interação pelos interactantes.

Esses aspectos salientam a presença constitutiva de um conjunto de semioses verbais e não verbais nas interações e na expressão como um todo – no corpo inserido no mundo, na cognição corpórea. Como os aspectos mostrados nos dados se assemelham ao que também ocorre no contexto não afásico, podemos traçar vários caminhos explicativos para o funcionamento da linguagem em geral.

O principal deles é o da dimensão multimodal da referenciação em geral e da dêitica em específico. Ambas podem funcionar como organizadores da centração

indicial interna ao discurso ou à interação. Observamos, também, que os gestos dêiticos possuem modalizações semelhantes aos dêiticos verbais, apresentando, em vários casos, a mesma semântica – o mesmo sentido. Um exemplo é o emprego de *pointings* em substituição de pronomes pessoais como “eu” e “tu/você”, ou de demonstrativos como “aqui” e “lá”. Os gestos, segundo Kendon (2004), podem organizar-se em fases e frases gestuais, apresentando a mesma sequencialidade da estruturação propriamente linguística.

A multimodalidade, então, é requisitada para a constituição da centração indicial de dado contexto e/ou enunciado. Os dêiticos gestuais e verbais são responsáveis pelas incorporações de um campo demonstrativo em certo contexto, apontando o referente ao mesmo tempo em que assinalam as perspectivas dos interactantes.

Assim, a indicialidade de certo enquadre comunicativo ou da interação dependerá de outros recursos multimodais acionados pela prática social em questão, como o enquadre comunicativo, os *frames* conceptuais e os contextos situacionais em que os dêiticos irão emergir.

Fundamentados teoricamente nas referências mencionadas acima e ancorados na análise qualitativa dos dados que constituíram o nosso *corpus*, propomos uma divisão tripartida da conjugação indicial: i - de procedência, o gesto direciona a interpretação antes do material verbal ou ocorre isoladamente; ii - de constitutividade, o gesto veicula o mesmo sentido e ocorre sincronicamente com a fala; iii - de complemento, o gesto restringe ou complementa o sentido de um item verbal.

Face ao problema da adequação de um modelo de transcrição que possibilitasse a visualização dos dados gestuais inscritos na sequencialidade enunciativo-discursiva de uma interação, apresentamos como proposição a opção de transcrever também o material gestual, marcando a organização em fases ou frases gestuais, a tipologia gestual (*hand shape* ou gesto realizado com outra parte do corpo, como o direcionamento de olhar, movimentos práxicos e gestos não dêiticos, como os metafóricos) e a direcionalidade dos gestos dêiticos quando apontam para outros sujeitos na interação ou para referentes do mundo (alvo referencial – AR –, marcado na linha da gestualidade e definido logo abaixo da transcrição).

Em relação à questão relativa ao interesse de várias áreas da Linguística pelos elementos não verbais utilizados na interação face a face, propomos que ela não se reduza a conceber, de forma distinta ou excludente, a gestualidade como fenômeno coocorrente, alternativo ou compensatório à fala. Essa hipótese não se sustenta, pelo

fato de que a gestualidade emergente em produções afásicas é modalizada de maneira semelhante ao contexto não afásico, isto é, o gesto não é isolado ou separado da linguagem e suas funções, nem é desprovido de realidade semiológica. Os afásicos continuam empregando gestos dêiticos, icônicos, metafóricos, ritmados da mesma forma que são utilizados por pessoas não afásicas. Além disso, os dêiticos gestuais participam da construção do sentido referencial (referenciação dêitica) de maneira específica, não redutível à significação linguística.

Levamos em consideração que os recursos não verbais (semiológicos, gestuais e corporais) são fundamentais para a articulação dos processos linguísticos e não linguísticos. Como pudemos observar nos dados, os processos não verbais, como gestualidade e praxia, atuam mutuamente com os processos linguísticos na construção do sentido, na manutenção do tópico discursivo, na tomada de turno, na emergência de processos mentais e/ou cognitivos. Tais aspectos assinalam a importância dos elementos não verbais não apenas para as interações, mas também para a compreensão da significação em contextos afásicos e/ou não afásicos.

Tendo em vista a questão relativa ao propalado estatuto compensatório do gesto na literatura afasiológica tradicional, reconhecemos que a gestualidade emerge em maior intensidade em contextos de produção afásica, até porque a unidade corpórea sempre busca meios para contornar situações de mal-entendidos em contextos de produção cotidiana também. Os gestos, no entanto, não surgem como meramente compensatórios devido a sua modalização; não estão no lugar da língua, como sugere a explicação de Kendon (2004), na qual o gesto realizado na ausência total de fala torna-se articulado à maneira das línguas de sinais, como se ocupasse todo o lugar da fala.

Assim, constatamos que a relação entre fala e gesto, processo dinâmico e intersemiótico que sanciona os sentidos no fluxo da enunciação, não se reduz ao percurso interno da língua ou de qualquer outra estrutura. Essa relação, em determinadas circunstâncias interativas, por ser parte integrante da enunciação e envolver processos e estratégias semântico-pragmáticas, torna-se o fenômeno mais instigante a ser investigado em uma perspectiva sócio-cognitiva da linguagem.

Considerando a referenciação dêitica em seu caráter interacional, podemos observar que ela é indicada pela “superfície” do material verbal, sem, contudo, abdicar de ancoragens em outros sistemas semiológicos, considerados pela tradição estruturalista como elementos extralinguísticos. A interação pode homologar processos de ordem verbal, como, por exemplo, a língua com suas regularidades e

sistematicidades, no entanto, também é responsável por estabelecer as possibilidades de ancoragens de certos campos demonstrativos em certos contextos.

Na análise dos dados, percebemos que os elementos não verbais utilizados para a significação e a construção de objetos de discurso não funcionam à margem da língua, nem são meramente coocorrentes ou complementares.

Como revelaram os dados, não são apenas as entidades gramaticais e lexicais que são acionadas para referenciar, mas elas são dependentes das condições de emprego e de uso da linguagem – os sentidos associados aos contextos de uso dos dêiticos. Mostraram, também, a participação do verbal e do não verbal na construção da referência, seja pela postura no mundo, seja pelo recurso a elementos do contexto, seja pela gestualidade – meios que dão visibilidade às ações referenciais e interativas.

A referenciação dêitica, portanto, pode ser analisada ao considerarmos a complementaridade de processos, a mútua constituição entre elementos, semiologias e recursos multimodais. Dessa maneira, o entendimento da complexidade da relação linguagem-corpo é importante na medida em que fornece bases sólidas e coerentes com a natureza sócio-cognitiva e multimodal da interação humana, que podem subsidiar práticas diagnósticas consistentes, a pesquisa neurolinguística de um modo geral, as condutas terapêuticas mais situadas, a quebra de preconceitos com relação aos afásicos e o incremento da qualidade interacional e comunicacional de afásicos com outros afásicos e com pessoas não afásicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cavalcante, Mônica Magalhães. 2003. Expressões referenciais – uma proposta classificatória. In: Morato, Edwiges Maria et al. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 44. Campinas: IEL, p. 105-118.

Goodwin, Charles. 1995. Co-constructing meaning in conversations with an aphasic man. In: *Research on language and social interaction*, London: Routledge, v. 28, n. 3, p. 233-260.

Goodwin, Charles. 2003. The body in action. In: Coupland, J.; Gwin, R. (Eds.) *Discourse, the body and identity*. New York: Palgrave/Macmillan, p. 19-42.

Hanks, William F. 2008. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. Tradução: Bentes, Anna Christina et al. São Paulo: Cortez.

- Kendon, Adam. 2004. *Gesture: visible action as utterance*. Cambridge; New York: Cambridge Univ. Press.
- Koch, Ingedore Vilhaça; Cunha-Lima, M. L. 2004. Do cognitivismo ao sócio-cognitivismo. In: Mussalin, Fernanda; Bentes, Anna Christina (Orgs.) *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, p. 251-300.
- Marcuschi, Luiz Antonio. 2001. Atos de referenciação na interação face a face. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 41. Campinas: IEL, p. 37-54.
- Marcuschi, Luiz Antonio. 2007. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- McNeill, D. 1992. *Hand and mind: what gestures reveal about thought*. Chicago: The University of Chicago Press, 416p.
- McNeill, D. (Ed.) 2000. *Language and gesture*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mondada, Lorenza; Dubois, Danièle. 2003. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: Cavalcante, Mônica Magalhães et al. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, p. 17-52.
- Morato, Edwiges Maria. 1997. *Linguagem e cognição: as reflexões de L. S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem*. São Paulo: Plexus.
- Morato, Edwiges Maria. 2001. (In)determinação e subjetividade na linguagem de afásicos: a inclinação anti-referencialista dos processos enunciativos. In: *Caderno de Estudos Linguísticos*, 41. Campinas: IEL-UNICAMP, p. 55-74.
- Morato, Edwiges Maria et al. 2002. *Sobre as afasias e os afásicos*. Subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos. Campinas: Editora da Unicamp.
- Morato, Edwiges Maria et al. 2006. Tratamento de dados multimodais em práticas interativas de pessoas afásicas e não-afásicas registradas em áudio e vídeo no Centro de Convivência de Afásicos (Laboratório de Neurolinguística – IEL/UNICAMP)/*AphasiAcervus – Relatório de Pesquisa CNPq*. Campinas, (Proc. 402036/2004 – 2).
- Morato, Edwiges Maria et al. 2007. Competência e metalinguagem no contexto de práticas interativas de afásicos e não afásicos. *Relatório parcial do Projeto Fapesp*. Campinas, (Proc.: 06/52950-9).
- Morato, Edwiges Maria et al. 2008. Competência e metalinguagem no contexto de práticas interativas de afásicos e não afásicos. *Relatório final do Projeto Fapesp*. Campinas, (Proc.: 06/52950-9).

Morato, Edwiges Maria et al. 2009. Significação, interação e cognição: a dimensão multimodal de práticas linguístico-interacionais envolvendo afásicos e não afásicos – *Relatório de Pesquisa CNPq/Modalinter*. Campinas, (Proc. 401567/2007-9).

Morato, Edwiges Maria; Koch, Ingedore Vilhaça. 2003. Linguagem e cognição: os (des)encontros entre a linguística e as ciências cognitivas. In: Bentes, A. C.; Lima, M. L. C. *Cadernos de estudos linguísticos*, Campinas: IEL/Unicamp, v. 44, p. 85-91.

Norris, Sigrid. 2006. *Multiparty interaction: a multimodal perspective on relevance*. *Discourse Studies*, vol. 8, n. 3, p. 401-421. Londres: SAGE. Disponível em: HYPERLINK <http://dis.sagepub.com/> Acesso em: 27 abr. 2009.

Tomasello, Michael. 1999. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. Tradução: Berliner, C. São Paulo: Martins Fontes.

Tomasello, Michael. 2008. *Origins of human communication*. Boston (Mass.): MIT Press.

Varela, F. J.; Thompson, E.; Rosch, E. 1991. *A mente corpórea: ciência cognitiva e experiência humana*. Lisboa: Instituto Piaget.

Veza, Patrik Aparecido. 2005. *Linguagem e corpo em Merleau-Ponty: reflexões sobre os processos de referenciação*. 127f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Departamento de Filosofia, Universidade Estadual Paulista, Marília.

Veza, Patrik Aparecido. 2011. *A dêixis na interação entre afásicos e não afásicos: conjugação indicial fala/gesto*. 121f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem – IEL/UNICAMP, Campinas.